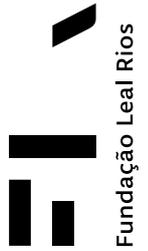


Stele

Francisco Tropa



Francisco Tropa nasceu em Lisboa, em 1968. Desde a sua primeira exposição individual em 1991, que a produção artística de Francisco Tropa tem incidido preferencialmente sobre a escultura, embora o desenho e as artes performativas, e, mais recentemente, a fotografia e o filme sejam modos de expressão frequentes e relevantes na sua prática e imaginação artísticas. Em 2011, para além da participação na 54ª edição da Bienal de Veneza, o artista esteve presente na 12ª Bienal de Istambul.

Simone Menegoi (nascido em 1970) é um crítico e curador residente em Verona. É editor independente da revista Kaleidoscope e colaborador da artforum.com. Em conjunto com Cecilia Canziani, comissaria o programa “ZegnArt”, dedicado a obras de arte públicas e residências, patrocinado pela marca de roupa Italiana Ermenegildo Zegna. Iniciou o seu percurso como jornalista, colaborando com várias revistas de arte e design e com o diário Italiano Corriere della Sera. Em 2005, iniciou a sua actividade como curador independente. As suas exposições recentes incluem *LE SILENCE, Une fiction* do Nouveau Musée National do Mónaco (Fevereiro-Abril de 2012). É ainda autor de ensaios, editados em publicações de instituições Italianas e internacionais, sobre o trabalho de Hubert Duprat, Attila Csörgő, Wolfgang Laib, Mark Lewis, Roman Ondák, entre outros.

Francisco Tropa was born in Lisbon, in 1968. Since his first individual exhibition in 1991 the artistic production of Francisco Tropa has mostly focused on sculpture, though drawing and performance arts, and, more recently, photography and film have been frequent and relevant mediums of expression in his artistic practice and imagination. In 2011, besides taking part in the 54th International Art Exhibition – La Biennale di Venezia, the artist was present at the 12nd Istanbul Biennial.

Simone Menegoi (born 1970) is a critic and curator based in Verona. He’s contributing editor of the magazine Kaleidoscope and contributor of artforum.com. Together with Cecilia Canziani, he curates the program of public artworks and residencies “ZegnArt”, sponsored by Italian fashion brand Ermenegildo Zegna. He started out as a journalist, contributing to a number of art and design magazines and to the Italian daily Corriere della Sera. In 2005 he began his activity as independent curator. Among his recent exhibitions: *LE SILENCE Une fiction* at Nouveau Musée National de Monaco (February-April 2012). He contributed essays to the publications of both Italian and foreign institutions, writing about the work of, among others, Hubert Duprat, Attila Csörgő, Wolfgang Laib, Mark Lewis, Roman Ondák

data
date

24.03 — 24.06

T \ +351 210 998 623
F \ +351 218 822 574
E \ contact@lealriosfundation.com

www.lealriosfundation.com
Rua do Centro Cultural, 17-B
1700-106 Lisboa, PORTUGAL

Fundação Leal Rios

Francisco Tropa, *Stele* 24 Março — 24 Junho 2012

— PT —

A Fundação Leal Rios abre as suas portas ao público com uma exposição individual de trabalhos de Francisco Tropa (1968), um artista que participou nalguns dos eventos artísticos internacionais mais importantes, desde a Bienal de São Paulo à Bienal de Istambul, e que representou Portugal na Bienal de Veneza em 2011.

Nesta exposição estão presentes onze trabalhos, todos da coleção da Fundação. O mais antigo data de 1991, o ano da estreia oficial de Tropa, enquanto que o mais recente é de 2010. Escolhida em parceria com o artista, a seleção tem um teor tal de coesão e consistência que significa que pode ser vista como uma sinopse de toda a sua obra. Apesar de diferentes na sua conceção, formas e materiais, todas as obras têm em comum o facto de se apresentarem como instrumentos, ferramentas e dispositivos: por outras palavras, como objectos que à primeira vista aparentam ter um propósito prático ou até científico. Estão embaladas em caixas elegantes, feitas à medida, que também servem de suportes para a sua exposição. Uma delas é rematada com um contador, outra está instalada com componentes óticos e uma terceira contém torniquetes e objetos de vidro soprado que poderão ser de um laboratório químico. Dois dos títulos sugerem a ideia de “demonstrações” e “medições”. Na realidade, apenas alguns dos seus trabalhos foram criados para uma tarefa específica e, nestes casos, a tarefa é paradoxal, como contar as rotações de um hélice de um pequeno barco que permanece estático (*Medidor de Corrente Superficial*, 1992-2004). Mas a sensação subjacente, que é a de observar instrumentos, mantém-se e no contexto da exposição, é também transmitida àquelas obras em que isto é de facto menos explícito.

De uma forma sofisticada e pessoal, Tropa regressa nestas obras a várias instituições das vanguardas históricas. Nos seus romances, Raymond Roussel (1877-1933) imaginou e descreveu mecanismos capazes de criar arte e, na década de 1910, Marcel Duchamp e Francis Picabia, em parte inspirados por Roussel, desenharam e pintaram “máquinas celibatárias” repletas de alusões eróticas e filosóficas. Referindo-se ao processo criativo de artistas conceptuais, Sol Le Witt escreveu em 1967 que “A ideia torna-se na máquina que faz a arte”. Tropa tem um lugar merecido neste legado e não é por acaso que o seu trabalho está a ser incluído na grande exposição *Locus Solus. Impressions of Raymond Roussel* que, depois de se ter estreado no Museu Rainha Sofia em Madrid, está patente na Fundação Serralves no Porto,

coincidindo sensivelmente com esta exposição. A semelhança de outros artistas antes dele, Tropa assume o desafio – que é típico da nossa época, com a sua obsessão por tecnologia – de conceptualizar a obra como dispositivo e vice versa, o dispositivo como obra. E, no entanto, ele está menos interessado na estética do mecanismo do que no seu significado, e menos na forma da tecnologia do que nas suas origens e consequências a longo prazo. Poder-se-á dizer que o artista se debruça não tanto para a tecnologia como para a “*techné*”, uma palavra Grega sem tradução que se aplica tanto à técnica ou tecnologia como àquilo que agora chamamos de “arte”. O título da exposição, “*Stele*” (Estela), reforça esta ideia, pois por mais elaboradamente esculpidas que fossem, nas culturas da antiguidade as estelas eram usadas para fins votivos, comemorativos e por vezes práticos – na sociedade Etrusca, por exemplo, eram usadas para demarcar a posse de terras.

Os instrumentos-esculturas de Tropa, que ele tem vindo a fazer ao longo dos últimos vinte anos em madeira e metal, vidro e borracha, luz elétrica e espelhos, são projetados para experiências em filosofia e estética. Eles não medem grandezas físicas mas antes as nossas ideias sobre a arte e o mundo, e os seus níveis (extraordinariamente altos) de precisão são aqueles da poesia.

As suas obras serão acompanhadas durante a abertura por uma performance, na qual o artista irá novamente encenar três ações de 2003 que incluem elementos físicos, sonoros e texto, intitulada *Queijada de Sintra, Carapau Adormecido, 1/2 Figura*.

×

— Março 2012

text \ Simone Menegoi

nota: este texto foi escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico, após tradução do original italiano.

Leal Rios Foundation

Francisco Tropa, *Stele* 24 March — 24 June 2012

— EN —

The Leal Rios Foundation is opening its doors to the public with a solo exhibition of works by Francisco Tropa (1968), an artist who has taken part in some of the most important international art events, from the São Paulo Biennale to the Istanbul Biennial, and who represented Portugal at the Venice Biennale in 2011.

There are eleven works in the exhibition, all from the Foundation’s collection. The earliest date from 1991, the year of Tropa’s official debut, while the most recent is from 2010. Chosen together with the artist, the selection has a degree of cohesiveness and consistency that means it can be seen an overview of his entire oeuvre. Though different in terms of their inspiration, forms and materials, the works all have in common the fact that they appear as instruments, tools and devices: in other words, as objects that at first sight seem to have a practical or even scientific purpose. They are housed in elegant, customised cases which also act as supports for their display. One of them is complete with a counter, another is fitted with optical components, and a third contains tourniquets and blown-glass objects that might come from a chemistry laboratory. Two of the titles suggest the idea of “demonstrations” and “measurements”. In fact, only some of the works have actually been designed for a particular task and, in these cases, the task is paradoxical, such as that of counting the revolutions of the propeller of a little boat that remains motionless (*Water Current Counter Device*, 1992-2004). But the underlying sensation, which is that of observing instruments, nevertheless remains and, within the context of the exhibition, it is also conveyed to those works in which this is actually less explicit.

In a sophisticated, personal manner, Tropa goes back in these works to a number of intuitions that date from the historic avant-gardes. In his novels, Raymond Roussel (1877-1933) imagined and described contraptions capable of creating art and, in the 1910s, Marcel Duchamp and Francis Picabia, who were partly inspired by Roussel, designed and painted “celibate machines” replete with erotic and philosophical allusions. Referring to the creative process of conceptual artists, Sol LeWitt wrote in 1967 that “The idea becomes a machine that makes the art”. Tropa has a rightful place in this legacy and it is no coincidence that his work is being included in the great *Locus Solus. Impressions of Raymond Roussel* exhibition which, after opening at the Museo Reina Sofia in Madrid, is being shown at the Fundação

Serralves in Porto, at just about the same time as this exhibition. Like other artists before him, Tropa takes up the challenge – which is typical of our age, with its obsession for technology – of conceptualising the work as a device and, vice versa, the device as a work. And yet he is less interested in the aesthetics of the mechanism than in its significance, and less in the form of the technology than in its origins and far-reaching consequences. It could be said that the artist turns not so much to technology as to “*techné*”, an untranslatable Greek word that applies as much to technique or technology as to what we now call “art”. The title of the exhibition, “*Stele*”, reinforces this idea, for however richly sculpted they may be, in ancient cultures steles were used for votive, commemorative and sometimes also practical purposes – in Etruscan society, for example, they were used to delineate land ownership.

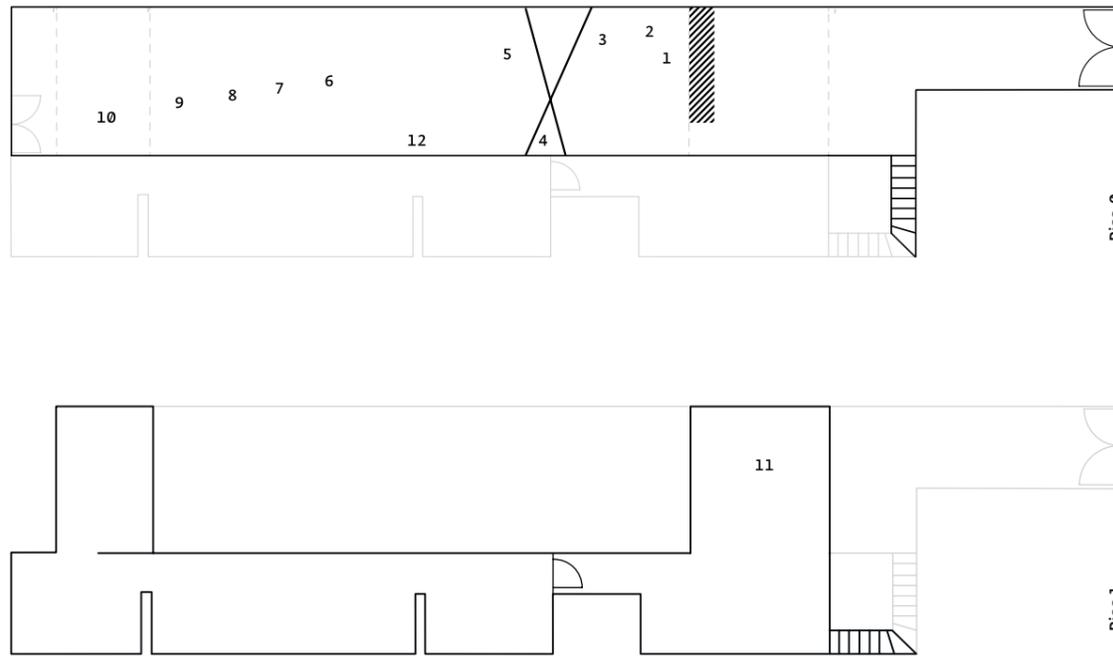
Tropa’s elegant instrument-sculptures, which he has made over the past twenty years in wood and metal, glass and rubber, electric light and mirrors, are all designed for experiments in philosophy and aesthetics. They do not measure physical magnitudes but rather our ideas about art and the world, and their (extraordinarily high) level of precision is that of poetry.

His works will be accompanied at the opening by a performance, in which the artist will again stage three complex actions of 2003 that include physical, audio and text elements, entitled *Sintra Cheesecake, Sleeping Horse Mackerel, 1/2 Figure*.

×

— March 2012

text \ Simone Menegoi



Legenda:

— PT —

1 \ Natureza Morta com caixa, garrafa e lata, 2010; caixa de madeira e bronze

Conjunto de três peças em bronze, que compõe uma natureza morta escultural.

2 \ Cilindro, 2009; caixa de madeira, peça de bronze e cinco fotografias a p/b de Pedro Tropa

A forma complexa em bronze é um simples cilindro do qual o artista preservou todo o metal supérfluo como testemunho do processo de fundição. Cinco fotografias por Pedro Tropa oferecem mais elementos que evidenciam o processo de fabrico.

3 \ Medidor de Corrente Superficial, 1992—2004; caixa de madeira, objeto de madeira, dispositivo electrónico, roda de metal e peso em bronze

Uma máquina entrópica para ser colocada dentro de água corrente. O barco de madeira azul, que não tem motor, está ancorado por um peso em bronze. A hélice é passiva: em vez de propulsionar o barco para a frente, é movida pela corrente. Um contador digital

indica as rotações da hélice, medindo assim o poder da corrente.

4 \ Pai Mãe, 2009; bronze, cabo de aço inoxidável, látex, objetos de vidro soprado, anilina, água

A fase mais recente de um ciclo começou em 2002. Em cada obra deste ciclo, o artista suspende objectos em dois cabos de aço, imaginando que está a traçar os descendentes de dois elementos originais: um crânio e um olho. Na visão de Tropa, os dois elementos representam uma polaridade absoluta, da qual descendem todas as outras coisas que nos dão a nossa conceção do mundo: forma-conteúdo, mente-corpo, natureza-cultura. Neste caso, os descendentes do crânio e do olho (de bronze) são respetivamente o macho ("pai") e a fêmea ("mãe"). Estes são representados por dois objetos em vidro soprado cheios de água colorida, que formam dois tubos digestivos estilizados. Os detalhes que demonstram que são macho e fêmea (respetivamente um bico e uma abertura) estão colocados na suas pequenas "cabeças".

5 \ Copo de água, 1992—2004; copo/vidro, caixa de madeira
Um objeto para recolher orvalho.

O vapor de água condensa no interior da superfície de vidro inclinada e pinga para dentro do contentor.

6 \ Alegoria do tempo, 2006; caixa de madeira, ferro pintado, chumbo, aço, latão e relógio de pulso (herdado)

Uma lata da marca de salsichas Nobre está suspensa no centro de uma estrutura de metal pintada de branco e vermelho. Um relógio de pulso, pertencente a um familiar falecido, está posicionado à sua volta.

7 \ O Gigante, 2006; bronze

Esta obra faz parte de uma série baseada nos ossos do corpo humano. A primeira estrutura arquitetónica conhecida pelo homem – o esqueleto do seu próprio corpo – torna-se o léxico base de uma escultura.

8 \ Caixa, 1991; pedra, caixa de madeira, terra, projeção de diapositivo

Duas caixas de madeira para recolher farinha num moinho, contêm duas imagens projectadas. A primeira mostra o detalhe duma folha, e a segunda um pedaço de terra com um buraco – a entrada para a toca dum animal. O fundo da segunda caixa encontra-se

→

parcialmente coberto de terra, e uma pedra colocada por baixo suporta-a em ângulo.

9 \ Caixa, 1991; caixa de madeira, projeção de diapositivo

10 \ Sítio, 2005; bronze, caixas de madeira

Quatro moldes em bronze de antigas travessas de caminhos-de-ferro, incrustadas de moluscos, de um passadiço que vai desde a praia da Quinta de Marim (Faro) até ao oceano. Os moldes estão em negativo, portanto a parte sólida de madeira é o vazio no bronze. O artista aponta uma correspondência entre este trabalho e *A Porta do Inferno* de Auguste Rodin (1880-1917), uma vez que ele imagina as formas em bronze como os primeiros degraus da escadaria que esperam aqueles que atravessam a porta monumental.

11 \ Demonstração de difracção, usando ondas de água, 1992—2010; (Reconstrução de uma peça destruída), caixa de madeira, lâmpada, madeira, suporte em latão para lente e espelho, reservatório de vidro, água.

A ondulação criada por uma gota que cai num copo com água é ampliada por uma lente, refletida num espelho e projetada numa parede em frente à obra. Volvidos quase vinte anos, o artista regressou de novo a este princípio nas obras que fez para o Pavilhão Português na Bienal de Veneza de 2011.

12 \ Queijada de Sintra, Carapau adormecido, ½ Figura, 2003; Performance

Captions:

— EN —

1 \ Still life with box, bottle and can, 2010; wooden box and bronze

Set of three bronze casts, composing a sculptural still life.

2 \ Cylinder, 2009; wooden box, bronze piece and five b/w photographs by Pedro Tropa

The complex bronze shape is a plain cylinder of which the artist has preserved all the superfluous metal as evidence of the casting process.

Five photographs by Pedro Tropa provide further evidence of the manufacturing process.

3 \ Water Current Counter Device, 1992—2004; wooden box, wooden object, electronic device, metal wheel and bronze weight

An entropic machine to be placed in a stream of water.

4 \ Father Mother, 2009; bronze, stainless steel cable, latex, blown-glass objects, aniline paint, water

The most recent stage in a cycle begun in 2002. In each work in this cycle, the artist hangs objects from two steel cables, imagining that he is tracing out the offspring of two original elements: a skull and an eye. In Tropa's vision, the two elements represent an absolute polarity, from which all other things that give us our conception of the world ultimately descend: form-content, mind-body, nature-culture, and so on. In this case the offspring of the (bronze) skull and eye are respectively the male ("father") and female ("mother"). These are represented by two objects in blown glass filled with coloured water, forming two stylised digestive tracts. The details that show that they are male and female (a spout and an opening respectively) are placed on their small "heads".

5 \ Glass of Water, 1992—2004; glass, wooden box

An object for collecting dew. The water vapour condenses on the slanted surface of the glass and drips into the container.

6 \ Time Allegory, 2006; wooden box, painted iron, lead, steel, brass and watch (inherited)

A Nobre ("noble") brand frankfurter can is suspended at the centre of a metal structure painted white and red. A watch, which belonged to a deceased relative, is strapped around it.

7 \ The Giant, 2006; bronze
This work is part of a series based on the bones of the human body.

The first architectural structure known to man – the skeleton of his own body – becomes the basic lexicon of a sculpture.

8 \ Box, 1991; stone, wooden box, land, slide projection

Two old wooden boxes, for collecting flour in a mill, contain two projected images. The first shows the detail of a leaf, and the second a strip of land with a hole – the entrance to an animal's burrow. The bottom of the second box is partly covered in earth, and a stone placed beneath it holds it at an angle.

9 \ Box, 1991; wooden box, slide projection

10 \ Site, 2005; bronze, wooden boxes

Four bronze casts of old railway sleepers, encrusted with molluscs, from a walkway that leads from the beach at Quinta de Marim (Faro) to the ocean. The casts are in the negative, so the solid of the wood is the void in the bronze. The artist points to parallels between this work and Auguste Rodin's *The Gates of Hell* (1880-1917) for he imagines the bronze shapes as the first steps on the stairway that awaits those who go through the monumental gates.

11 \ Demonstration of Diffraction Using Water Waves, 1992—2010 (Reconstruction of a destroyed piece); wooden box, lamp, wood, brass support for lens and mirror, glass reservoir, water.

The ripples created by a drop falling into a cup full of water are enlarged by a lens, reflected in a mirror and projected onto the wall opposite the work. Almost twenty years later, the artist again returned to this principle in the works he made for the Portuguese Pavilion at the 2011 Venice Biennale.

12 \ Sintra Cheesecake, Sleeping Horse Mackerel, ½ Figure, 2003; Performance

Notas \ Notes

↑
Notas \ NotesNotas \ Notes
→↑
Notas \ Notes

Ficha Técnica \ Credits

**Stele****Francisco Tropa****Direção e Curadoria **
Director and Curator

Miguel Rios

Textos \ Texts

Simone Menegoi

Traduções \ Translation

Língua Franca

Produção \ Production

Fundação Leal Rios

Assistente de Produção\ **Production Assistant**

João Biscainho

Montagem de exposição\ **Exhibition Installation**

António Bolota

Fotografia \ Photography

Pedro Tropa

Design Gráfico\ **Graphic Design**

MR'D | Miguel Rios Design

Assessoria de Imprensa\ **Press Advisor**

Namalimba Coelho

Relações Públicas\ **Public Relations**

Maria Antónia da Cunha

Performance \ Performance

Francisco Tropa

com a participação de \ with

David Maranhã (violino)

Manuel Mota (guitarra eléctrica)

Patricia Machás (voz)

Pedro Tropa (máquina fotográfica)



MR'D

Apoio \ Support

**Fundação Leal Rios**

Produção \ Production

Colaboração \ Collaboration:

 **Galeria Quadrado Azul**